

Estamos aqui na Rua Natingui, na Vila Madalena, a gente veio visitar o Museu da Pessoa, no número 1.100 em São Paulo. Olha lá o Museu da Pessoa. Opa. Você é a Karen Worcman?

KW: Eu sou a Karen

Oi, tudo bem?

KW: Tudo bem? Bem vindo!

Muito obrigado. Então é aqui que é o Museu da Pessoa, né?

KW: Aqui que é. Aqui que é a sede física do Museu.

Me conta o quê que é o Museu da Pessoa. Que ideia é essa?

KW: Então, o Museu é um museu mesmo de histórias de vida, histórias de todas as pessoas da sociedade que queiram ter a sua história gravada, esse aqui é o Museu. E o Museu, esse lugar que a gente tá aqui é um Museu físico, onde a gente – vem cá comigo que eu vou te mostrar uma coisa – por exemplo, todo mundo que quiser vim aqui, se inscrever e contar a sua história, a gente tem um estúdio que as pessoas gravam a sua história de vida, ou a gente também tem um portal na internet que todo mundo pode mandar por lá também.

Ah, quer dizer, que pode fazer a história sozinho, gravar na webcam...

KW: Pode por webcam ou fazer por texto, né, e mandar com foto e tudo

Ah, não é só vídeo, né?

KW: Não, não...

Que Interessante.

KW: Aliás, o jeito de contar a sua história pela internet, eu acho que o texto é muito legal (risos)

É, né?

TRANSCRIÇÕES

KW: Dá para você pensar bem que história que você quer contar. Aqui, deixa eu te mostrar, é um espaço... um pequeno espaço expositivo, onde a gente, por exemplo, mostra alguns dos depoimentos, aqui a gente tem uma grande linha de trabalho que se chama “Memória dos Brasileiros”, que é aquela história do Brasil que ninguém conhece. E aqui, porque o Museu nasceu em São Paulo, O Museu não é sobre São Paulo, mas como ele nasceu em São Paulo, a gente acabou percebendo que tinha uma grande acervo de histórias de São Paulo, que a gente botou um pouco no espaço. E aqui é um pouco a história do Museu: O quê que o Museu fez em termos de

formação em escolas, em termos de pesquisas para instituições, quantas... a gente viajou para o Brasil todo, campanhas, histórias de vida, muitos produtos. Deixa eu te mostrar, por exemplo...

Essa coisa de “story telling” hoje é o que há de mais... né? É...

KW: Hoje em dia, isso ficou super, super na moda, mas a gente, como você vê...

Vocês fazem isso há quanto tempo já?

KW: A gente vai fazer vinte anos que a gente faz isso e na realidade quando o Museu começou a falar que as pessoas tinham uma história e que isso podia ser muito usado, era algo muito, muito, muito esquisito. Então, o Museu foi muito desbravador nessa seara aí de valorizar a história das pessoas, de valorizar o ouvir e perceber quantos e quantos produtos para a sociedade dá para fazer com isso. Esses produtos podem ser que tenham um grande impacto social, ou cultural, ou até de comunicação e negócio também. Então, o Museu, ele... a gente percebeu que a matéria-prima “história de vida” é quase um ouro, que você transforma em muitas e muitas coisas.

Pois é! E vocês têm muitas publicações aqui também, né?

KW: É. O Museu fez assim...

Quantos livros, no total, vocês já fizeram?

KW: Acho que...

O “História Falada” que é um livro super legal, né?

KW: Eu acho que a gente fez mais ou menos 50 publicações. Tem esse aqui que é muito legal que é o “Museu do Clube da Esquina”...

Ah, o “Museu do Clube da Esquina”

KW: E aí tem muitos livros institucionais, como por exemplo, a história da Vale do Rio Doce, da Fundação Bradesco, a história do Dieese. Então, o Museu mistura livros que são histórias de instituições sempre a partir das histórias das pessoas

Sempre pelo protagonismo, né? Nunca pelo...

KW: Sempre tem. Então você abre qualquer um desses livros, na verdade, o que você tem, tá vendo, é a história de uma pessoa, no geral, contada na primeira pessoa

Sim.

KW: Ai depois, o Museu fez outros livros, como esse que você mostrou, “História Falada”, e que talvez o principal deles se já esse, deixa eu te mostrar aqui: “Tecnologia Social de Memória”, são histórias... formas de ensinar outros: organizações, professores a fazerem, eles, as histórias.

Quer dizer, tem essa função também, né?

KW: Tem essa função de formar pessoas, professores, líderes comunitários, gente de instituição, para que eles organizem as suas próprias histórias. O Museu produziu, acho que, quase dez livros desse tipo.

Nossa! E eu imagino que sustentar isso daqui não deve ser fácil, né?

KW: Não. Não é fácil, mas é divertido (risos)

Como é que é o esquema aqui, da sustentabilidade do Museu, como é que vocês...?

KW: O Museu acabou tendo que criar um monte de formas de sobreviver, como eu te disse, há vinte anos atrás, essa ideia era muito diferente, então, a gente começou trabalhando com a ideia de patrocínio, isso ficou muito complicado e aí a gente percebeu que se a “história de vida” é um ouro, dava pra fazer muita coisa. Então, o Museu criou um braço, que é quase uma unidade de negócio, hoje a gente chama de Unidade de Negócio, que é usar a metodologia e essa pesquisa pra levantar recursos e pra criar mais acervo, então hoje, o Museu fez mais de cem projetos que se chamam institucionais. Então a história da Vale do Rio Doce, a história do Sindicato dos Metalúrgicos, a história... sei lá, da Votorantim, isso é um grande gerador de recursos para o Museu hoje.

Pra fazer a sua função social e tal?

KW: Pra fazer a sua função social. Ai, a gente abriu um outro braço que é na área de Formação, que a gente viu que isso também é um método, existe uma demanda por esse método, seja nas escolas, seja nos lugares. Hoje, essa é uma grande área que também gera recursos pro Museu, além de ampliar o impacto social da iniciativa. Então, eu acho que o Museu trabalha com uma pizza, vamos chamar de... quando uma coisa vai bem, a outra vai mal, como você ter vários braços de formas de gerar recursos pro Museu.

Um mix, né, de...

KW: É um mix!

E o “Empreendedores Criativos”, né, quer dizer, existe uma parceria aí, com os “Empreendedores Criativos”, o quê que a gente pode esperar dessa parceria aí?

KW: Bom, eu acho essa parceria muito legal, porque...

Tem um avião passando aqui em cima, no meio da nuvem... mas vamos lá, ao vivo e a cores.

KW: Essa parceria é muito interessante porque a coisa muito bacana que a gente vai fazer de cara, é gravar a história dos sete empreendedores criativos que vão, enfim, ficar na casa, e a gente vai gravar um pouco a história de vida deles e botar isso no portal do Museu, no site dos Empreendedores, que eu acho que isso vai trazer... quando a gente ouve a história de vida de uma pessoa, a gente entende muito essa pessoa, então eu acho...

Aproxima, faz conexão, né?

KW: Aproxima, cria empatia, percebe a forma que a pessoa tá vendo o mundo. Então, a gente vai gravar essas histórias nesse estúdio que eu acabei de te mostrar e por outro lado, ao longo da sua trajetória e no acervo do Museu hoje, existem muitas histórias de empreendedores. E esses empreendedores, eles são empreendedores sociais, são empreendedores criativos e também são empreendedores que eu não sei

qual é o nome, por exemplo, o Museu tem todo um grupo de mulheres maravilhosas, que são empreendedoras, que fizeram coisas assim em situações completamente extremas e conseguiram se virar e criar vinte filhos e criar um Negócio, pensão nos lugares... então, a gente vai selecionar uma parte de histórias, criar uma espécie de coleção, para que as pessoas que estiverem envolvida com a iniciativa, conheçam outras histórias de empreendedores também e possam se inspirar (risos).

Muito legal! Então tá. Muito obrigado, Karen Worcman é Empreendedora Criativa. Nós vamos terminar aqui, ó... fala, você ia falar, tomara que...?

KW: Não, eu acho que essa iniciativa vai ser muito legal e tanto a iniciativa, quanto o acervo que a gente vai juntar com a iniciativa seja inspirador para que muitas e muitas outras pessoas sejam Empreendedores Criativos também (risos).

Legal! Eu vou terminar aqui tem uma parede com vários trechos, né, mas acho legal a gente terminar com esse aqui do Paulo Freire, que tal: *“As memórias de mim mesmo me ajudaram a entender as tramas das quais fiz parte”*

TRANSCRIÇÕES